

INDEPENDÊNCIA  
OU MORTE!



Copyright © 2006 Juliana de Faria

**Supervisão editorial** Marcelo Duarte

**Assistente editorial** Tatiana Fulas

**Projeto gráfico e diagramação** A+ Comunicação

**Imagens** Museu Paulista da USP

*Independência ou Morte*

*Museu Paulista (fachada)*

*Retrato de Pedro Américo*

*Salão Nobre (José Reasel)*

Coleção Museu Nacional de Belas Artes/IPHAN/MINC

*Batalha do Avaí (José Franceschi)*

Museu Imperial de Petrópolis

*Proclamação da Independência*

**Preparação** Alessandra Miranda de Sá

**Revisão** Telma Baeza G. Dias

Cristiane Goulart



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Faria, Juliana de.

Independência ou morte! / Juliana de Faria. 1ª ed. São Paulo: Panda Books, 2006.

1. Américo, Pedro, 1843-1905. Independência ou morte – Ficção. 2. Pintura moderna - Séc. XIX – Brasil – Ficção. 3. Brasil – História – Independência, 1822 – Na arte – Ficção. 4. Romance brasileiro. I. Título.

CDD 869.093

CDU 821.134.3(81)-3

2006

Todos os direitos reservados à

Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Lisboa, 502 – 05413-000 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3088-8444 – Fax: (11) 3063-4998

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

JULIANA DE FARIA

INDEPENDÊNCIA  
OU MORTE!

Ilustrações de  
IVAN ZIGG







Quando o Museu do Ipiranga surgiu na janela do ônibus escolar, somente Félix percebeu. *Discman* no ouvido, escutando rock, ele era o único aluno que não participava da guerra de papel dentro daquela lata-velha que já deveria ter sido aposentada. Seus vinte e quatro colegas deixavam louca a professora que, sem ajuda, não conseguia conter a empolgação de uma turma tão feliz por estar fora da escola em horário de aula.

– Crianças, por favor, continuem sentadas, cada uma em seus devidos...

PLOF! BUM! POW! Bernardo, o líder da confusão, tentava, sem sucesso, escalar o bagageiro do ônibus, preso em cima das velhas poltronas cor-de-burro-quando-foge-desbotado.

– Aiii, preciso mudar de profissão... – suspirou a professora Berta. Sem se deixar levar pela euforia de seus colegas, Félix estava quietinho, desenhando em seu caderno vermelho. Isso porque Félix era um menino meio tímido. Inteligente, mas não do tipo que levanta a mão para responder a uma pergunta durante as aulas. Ele participava de outro jeito: preferia se manifestar por meio de desenhos. Sim, Félix era artista. Bastavam alguns lápis de cor para que ele soltasse sua imaginação e perdesse a noção do tempo. Muitas das aulas, principalmente as de História, eram anotadas em forma de desenhos. No instante em que o ônibus escolar estacionava em frente da entrada do Museu do Ipiranga, por exemplo, o garoto já havia feito um esboço do casarão amarelo com uma banda de rock se apresentando no jardim.



– Que bonito esse seu desenho – elogiou Clarinha. Bem branquinha e com cabelos avermelhados, ela era quase um palmo mais alta do que o menino com quem tentava puxar assunto.

– O que... o que você disse? – perguntou Félix, com o rosto tão corado, quase da cor dos cabelos de Clarinha. O som alto do *discman* não o deixara ouvir o elogio. Mas antes que Clarinha pudesse repetir, o ônibus parou bruscamente e as crianças saltaram do veículo como milho estourando em pipoqueira.

Quem recebeu a turma foi um simpático guia chamado Rony. Félix tirou os fones dos ouvidos para escutar o que ele tinha para falar.



– Bom dia, pessoal! – saudou com animação. – Estão preparados para um grande passeio pela história do Brasil? Pois, então, vamos todos entrando em duplas – pediu gentilmente. – Assim, ninguém se perde, ok?

Ótimo: vinte e cinco alunos, uma professora e um guia. Artista que só, o forte de Félix não era Matemática, mas seu raciocínio para cálculos simples funcionava rapidinho.

“Estamos em número ímpar de pessoas”, pensou. É claro que ele não iria ficar circulando por aí ao lado da professora Berta nem do Rony, pois, com 10 anos, isso seria tão vergonhoso quanto tropeçar nos próprios cadarços no meio do pátio na hora do recreio. “Preciso de um par, preciso de um par”, Félix falava baixinho consigo mesmo enquanto seus olhos procuravam uma companhia.



– Você quer andar pelo museu comigo? – convidou Clarinha.

“Oras, não foi tão difícil assim”, pensou Félix, que resolveu fazer charme.

– Lógico! E vai ser até bom pra você, senhorita Clarinha, pois saiba que sou um aluno nota dez em História. Então, caso tenha alguma dúvida, pode perguntar pra mim e...

– Ótimo! – interrompeu a ruivinha. Ambos sabiam que, na verdade, a aluna nota dez em História era ela, mas Clarinha decidiu entrar no jogo. – Pois pode começar me contando a história do museu. Que tal?

O desafio estava lançado e, apesar da vergonha que o garoto sentia agora, ele decidiu encarar.

